

CENTROS CULTURAIS E A CIDADE CONTEMPORÂNEA: o Centro Cultural São Paulo e o Sesc 24 de Maio como equipamentos de suporte à cultura

Júlia Martins Souza Pipolo de Mesquita (IC) e Dr. Celso Lomonte Minozzi (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackenzie

RESUMO

A pesquisa discute a abordagem arquitetônica e espacial de dois centros culturais na cidade de São Paulo e a relação deles com a cultura da sociedade atual. Os equipamentos se tornaram cada vez mais necessários diante do crescimento da metrópole e da tecnologia. Ao mesmo tempo que a sociedade está mais conectada virtualmente, também requer espaços de encontros presenciais em grupo. Esses locais possuem algumas características relevantes para o estudo como promover o encontro de grupos sociais diversos e ser público, múltiplo nos usos, e, principalmente, suporte à cultura. A escolha do Centro Cultural São Paulo e do Sesc 24 de Maio se deu pelo impacto arquitetônico e cultural na cidade durante e após sua construção. O primeiro, sendo o grande centro cultural construído, a princípio programado para ser uma biblioteca, e o segundo, o último centro cultural de relevância arquitetônica inaugurado no centro da capital paulista. Além disso, os centros propõem uma experiência ao usuário por meio da atmosfera de cultura que foi criada pelo partido arquitetônico dos arquitetos, pela diversidade de atividades que acontecem simultaneamente e pelos espaços de lazer e contemplação da cidade. Assim, a discussão desses equipamentos se dá pela compreensão de como o suporte à cultura fornece espaços públicos de qualidade e uma experiência de arquitetura que se tornou necessária.

Palavras-chave: Centros cultural. Centro Cultural São Paulo. Sesc 24 de Maio.

ABSTRACT

The research discusses the architectural and spatial approach of two cultural centers in the city of São Paulo and their relation with the culture of today's society. The equipment has become increasingly necessary in the face of the growth of the metropolis and technology. At the same time that society is more virtually connected, it also requires face-to-face group meetings. These places have some relevant characteristics for the study, such as promoting the meeting of different social groups and being public, multiple in uses, and, mainly, support for culture. The choice of Centro Cultural São Paulo and Sesc 24 de Maio was due to the architectural and cultural impact on the city during and after its construction. The first, being the large cultural center built, earliest scheduled to be a library, and the second, the last cultural

center architected relevance inaugurated in the center of São Paulo. In addition, the centers offer an experience to the user through the cultural atmosphere that was created by the architects' decisions, by the diversity of activities that happen simultaneously and by the leisure and contemplation spaces of the city. Thus, the discussion of those equipments takes place by understanding how support for culture provides quality public spaces and an architectural experience that has become necessary nowadays.

Keywords: Cultural center. Centro Cultural São Paulo. Sesc 24 de Maio.

1. INTRODUÇÃO

A partir do século XVIII, a cultura passou a ser vista como um progresso intelectual e espiritual, tanto na esfera pessoal como na social, aproximando-se aos valores sociais. A cultura em si pode ser entendida como um conjunto de valores e costumes herdados por uma comunidade, vista como uma tradição ou como renovação de si. A princípio, feita por meio de uma interação social, a cultura é parte da formação do ser, pois ao reconhecer-se nela e nas múltiplas possibilidades de expressá-la é possível criar uma identidade cultural com um grupo, uma sociedade e um país.

As cidades modernas passaram por duas revoluções industriais que mudaram a forma de viver e planejar o urbanismo. A identidade cultural está atrelada às dinâmicas urbanas na medida que o reagrupamento de grande quantidade de indivíduos em um só lugar oferece um diverso potencial de interação (Asher, 2010). Nesta sociedade, chamada de industrial na maior parte do século XX, os paradigmas de racionalização e funcionalidade, regidos pela adaptação da produção em massa da indústria, permitiu o apoio de um urbanismo moderno baseado no zoneamento monofuncional e com as interações sociais em locais hierarquizados nas cidades e de maneira mais numerosa.

Contudo, com a globalização e a diferenciação social cada vez mais complexas, a terceira modernidade modificou novamente a interação entre as pessoas, quando é possível comunicar-se mais rápido e sem necessária presença física. A sociedade do final do século XX, passou a ter indivíduos cada vez mais autônomos e diferenciados entre si, contudo mais próximos e conectados,

Ela [globalização] contribui também para uma diferenciação cultural, pois no mesmo movimento em que parece “homogeneizar” as práticas e status sociais, difundindo os mesmos objetos, as mesmas referências e quase os mesmos modos de organização, a globalização amplia, de forma inédita, o espectro sobre o qual os indivíduos, grupos e organizações podem realizar suas escolhas e desenvolver suas particularidades. (ASHER, 2010, p. 40).

Dessa forma, os espaços de relações sociais assumem dois meios de interação, o virtual ou o físico, sendo o segundo um fator de mudança urbana no planejamento das cidades e de suas edificações. A partir da multiplicidade de vínculos, os indivíduos passam a ser socialmente plurais e anseiam por territórios que reflitam a cultura diversa, como equipamentos públicos de bem-estar e lazer abertos, múltiplos e capazes de suportar as mudanças de interação dos distintos grupos sociais.

Assim, a terceira revolução moderna se dá na atual sociedade e caracteriza o chamado neourbanismo. Este novo urbanismo faz uso das variadas formas urbanas e arquitetônicas para aumentar a possibilidade de escolha a nível de grandes cidades, como as metrópoles. Em uma sociedade cada vez mais complexa, na qual não há mais distinções entre o interior e o exterior, acessos públicos e livres aos reservados e privados, o construído existente também passa a ser ressignificado, sendo designado a novos usos ou modificado em museu e patrimônio histórico, mantendo as transformações que fazem parte das grandes cidades (ASHER, 2010). Surge, então, um urbanismo multissensorial que busca a essência dos lugares e as conexões com cada indivíduo, tentando oferecer a reflexão da existência além da realidade espacial e material para habitar a cultural, mental e temporal aliando qualidade de vida com a arquitetura dos espaços, sejam eles públicos ou privados (PALLASMAA, 2018).

Nessa perspectiva, na cidade de São Paulo, uma das metrópoles mundiais, a heterogeneidade de grupos que usam dos espaços públicos para se expressar evidencia a necessidade de prover centros em que possam dar suporte a essas ações. Da metade para o final do século XX até os dias atuais, a capital paulista passou a receber projetos de grande escala para contribuir com a disseminação da cultura e da ocupação dos espaços. Os lugares como a Praça Roosevelt, o Vale do Anhangabaú, a Av. Paulista, a proposta do Parque Minhocão no Elevado Presidente João Goulart e a rede SESC - Serviço Social do Comércio, em muitos bairros da capital, são espaços que favorecem a produção, disseminação e compartilhamento de arte, cultura e conhecimento. Esses locais públicos de encontro fazem do espaço cultural uma dinâmica urbana da metrópole. A cidade, portanto, provém cada vez mais de lugares em que a proposta do multiuso seja a principal tanto no partido arquitetônico como na urbanização. O centro cultural é o espaço que permite a potencialização dessas atividades culturais, sua função é não dar uma função específica para seus espaços, mas permitir o livre uso dele. Conforme complementa o arquiteto Paulo Mendes da Rocha, em uma mesa de debates, que “a cidade é o centro cultural” já que apresenta uma “vaguidão específica”, porque as pessoas constroem juntas o espaço que aparece como uma extensão da rua e da cidade.

Desse modo, o objeto desta pesquisa é a análise da arquitetura e como ela funciona como suporte à cultura nos centros culturais. A abordagem se dá em dois centros específicos em São Paulo, o Centro Cultural São Paulo, o primeiro grande centro cultural da cidade, e o Sesc 24 de Maio, o mais recente centro cultural inaugurado, pelas suas relevâncias arquitetônicas e espaciais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

É fundamental embasar a pesquisa na compreensão da abordagem arquitetônica de espaços culturais pelos centros estudados e como é possível fornecer o suporte as necessidades sociais da comunidade atual.

Os centros culturais possuem uma referência histórica nos museus. Este programa cultural carecia de uma arquitetura restritiva para a preservação das obras e seu acesso era limitado as classes sociais com maior poder aquisitivo. No final do século XX, a sociedade se comunica e se diferencia mais, multiplicando vínculos e diversificando-se culturalmente, aumenta, então, a demanda por espaços mais democráticos de cultura e a arquitetura necessita buscar respostas aos novos anseios. Uma delas é, em lugar de espaços favorecidos com valores históricos e artísticos do passado, assumir novos usos e programas que estão de acordo com a flexibilidade e a mutação das funções (FERRAZ, 1955). Uma sociedade mais reflexiva necessita de locais que as estimulem o questionamento e a experiência.

Logo, no ano de 1977, houve uma mudança de paradigma da relação do cidadão e da cidade com a cultura a partir da inauguração do Centre George Pompidou, na cidade de Paris. A relação trouxe a reflexão do centro de cultural com cidade por meio do partido arquitetônico de metade do terreno ser destinada a uma praça pública e o lado à edificação do centro de cultura. Em comparação aos precedentes modernistas, o centro simbolizou um escape do modelo vigente (FERRAZ, 1955), e mostrou uma arquitetura industrial de exposição dos tubos e circulações para fora do edifício, liberando seu espaço interno para multiuso da cultura. Além de privilegiar o uso de programas culturais em uma mesma edificação, como biblioteca, museu e salas de oficinas, optou por uma circulação de escadas rolantes na fachada externa que permite ao mesmo tempo a referência externa com a cidade e a experiência de sair e adentrar ao edifício.

Desse modo, no Brasil, a arquitetura dos centros culturais começou a ser debatida na década de 1970 que, apesar de ser um período de ditadura militar com censura às expressões diversas dos cidadãos bem como das atividades culturais, foi capaz de construir o que se tornou o maior centro cultural da América Latina.

2.1 CENTRO CULTURAL SÃO PAULO (CCSP)

2.1.1 HISTÓRICO

Neste cenário, o primeiro centro cultural brasileiro foi idealizado na capital do estado de São Paulo em uma escala metropolitana. A prefeitura de São Paulo, durante a

administração de Miguel Colassuono em 1973, necessitava de uma extensão da Biblioteca Mário de Andrade e propôs a inserção de torres comerciais, hotéis, shopping e uma grande biblioteca pública, intitulado como “Projeto Vergueiro”. O projeto seria erguido em um terreno do governo do Estado com quase 300 mil metros quadrados, resultado das desapropriações para as obras do metrô da nova estação da linha azul, chamada estação Vergueiro, localizado entre a rua Vergueiro e a Avenida 23 de Maio, próximo à Avenida Paulista. A ideia foi abandonada dois anos depois pela gestão de Olavo Setúbal, restando do plano antigo somente a construção da biblioteca.

Dessa decisão, foi criada uma comissão de estudos composta por bibliotecários, professores e o arquiteto Aron Cohen, com o objetivo de projetar uma biblioteca moderna permitindo que o leitor tivesse acesso livre ao material, diferentemente da biblioteca Mario de Andrade, no qual o acervo se concentrava nas duas torres e era acessado somente por funcionários. Por meio de um concurso em 1976, os arquitetos Eurico Prado Lopes e Luiz Telles venceram a concorrência aberta e as obras se iniciaram em 1978.

Durante a construção, o prefeito da gestão seguinte, Reynaldo de Barros, decidiu reformular o programa e adaptá-lo a um centro de cultural multidisciplinar, que veio a se chamar Centro Cultural São Paulo. O apoio do secretário da cultura, Mário Chamie, justificou que a obra era grande demais para possuir apenas uma biblioteca e sua localização muito favorável para uma instituição de muitos programas com alto fluxo de pedestres. A obra, então, ainda à frente com os arquitetos Eurico Prado Lopes e Luiz Telles, foi revista e acrescida de espaços de exposições, cinema, teatro, ateliês e restaurante, segundo Luiz Telles (2012), a “coisa mais importante para nós foi a ignorância dos militares com relação aos espaços [...] eles não conseguiram sacar que era pra reunir pessoas e uma reunião de pessoas sempre tem uma questão política implícita”, justificando que os programas acrescidos iriam corroborar com a ideia de propor um espaço de encontros.

Em 1982, ano da inauguração do centro, foi promulgada a Lei Nº 9467 de criação do Centro Cultural São Paulo estabelecendo as competências do local em seu Artigo 2, que incluíam o incentivo as criações culturais, desenvolvimento e fornecimento de pesquisas sobre a cultura, permitir o acesso e participação da comunidade as diferentes atividades e apoio à educação. Logo, representou um apreço da prefeitura no fomento à cultura em uma obra de grande porte e que culturalmente influenciaria a criação de novos centros.

2.1.2 O CENTRO CULTURAL

O Centro Cultural São Paulo se tornou um ponto cultural de referência projetual e de espacial na cidade de São Paulo pelas decisões arquitetônicas que foram além do design. Como sugere o arquiteto Louis Kahn (2010, p. 25) “um espaço arquitetônico deve revelar a evidência de sua criação por meio de seu próprio espaço”, por isso a premissa do CCSP veio da observação do já existente, como a Biblioteca Mário de Andrade, na qual relata o arquiteto

Lembro que o Eurico e eu discutíamos sempre sobre a “não Mário de Andrade” que é um projeto de edifício inaugurado em 1942 [...] em vez de prender as pessoas teria que libertar as pessoas para a descoberta do próprio espaço. (TELLES, 2012).

A ideia do novo centro permeava a necessidade do passeio livre pelos livros e pela cultura, e essa decisão não estava de encontro com a verticalidade presente nas torres da Biblioteca Mário de Andrade, portanto, em um terreno extenso com quase 300 metros de comprimento a forma horizontal se tornou uma resposta para a ideia de uma rua coberta. A referência seria, então, na própria cidade. A intenção era que o espaço passa a ser uma rua confortável em relação as intempéries do clima e da acústica, parcialmente coberto e que fornecesse suporte as todas as atividades desta rua interna, podendo acontecer na mesma ou em salões específicos. Apesar do edifício se acomodar à topografia com 15 metros de declive, aparenta ser maior visto da avenida expressa 23 de Maio por evidenciar seus 4 pavimentos e a grande estrutura de suporte, mas é pela rua Vergueiro que ele faz um convite a ação do pedestre de adentrá-lo.

Figura 1: Vista aérea do CCSP



Fonte: Carlos Rennó.

Como afirma Juhani Pallasmaa (2018), que uma das essências da arquitetura é a tendência de ir em busca da exploração, unindo a arquitetura a mente humana, sendo observado nesta obra desde o balanço da estrutura projetado sobre a calçada até a cobertura baixa do centro se tornar mais distante do chão conforme desce a rua. Na entrada central com

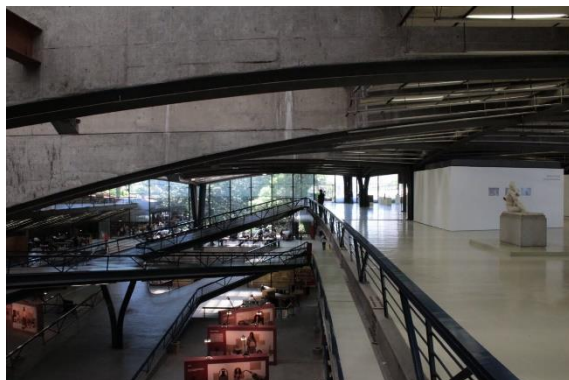
pouca inclinação do nível da rua é possível ver a área coberta da rua interna, por trás dela o tronco e o topo das árvores sendo segmentado pela cobertura verde por onde as pessoas também estão fazendo uso. A arquitetura do centro se dá por camadas de aproximação e de usufruto da obra. Os arquitetos designaram a essas camadas como filtros da realidade.

O primeiro filtro são as árvores que restaram dos pomares das antigas residências da Av. Vergueiro. Elas resistiram às obras do metrô, e são como um patrimônio ambiental da região, por isso foram feitas aberturas na cobertura que permitem a entrada de luz e de natureza dentro do projeto e possibilita que o usuário possa vê-las da rua. O segundo filtro seria para outra árvore, porém nunca foi feito e restou um dos vazios. A preocupação de mantê-las preservadas permite que a arquitetura crie um fundo do que passou na história da cidade e fomenta novas funções e visibilidade ao que já estava no território.

O terceiro filtro são os caminhos que permitem novas experiências no centro a partir de seus cruzamentos e trocas de percursos. E o quarto e último filtro seriam as rampas, porque, explica Telles (2012), “na hora que você tem duas rampas, na hora que você percebe que você pode subir e subir aqui e subir e descer aqui, e vice-versa, eu estou ganhando possibilidades, mesmo quando não se precise”. Logo, torna necessárias as camadas para compreender a obra, pois faz parte do papel da arquitetura, não sendo o objetivo criar figuras de primeiro plano e ser o produto final, mas conectar a caminhada aos sistemas de percepção e de entendimento, e mediar a experiência do usuário (PALLASMAA, 2018). Assim, o passeio pelo centro cultural pode se dá pelos seus programas como na biblioteca, nas exposições, nas peças teatrais, nas danças de rua ou estarem juntos a um outro tipo de atividade que envolva o coletivo em espaços multidisciplinares e não necessite de programa específico para seu funcionamento, mas que seja a essência desta arquitetura permitir que elas ocorram.

Figura 2 (esquerda): Vista interna das rampas conectando os pavimentos e as vigas curvadas no vão.

Figura 3 (direita): Grupos no pátio interno com acesso a cobertura verde, sombra na rua interna.



Fonte: Pedro Russo.

As camadas estão alinhadas a estrutura do edifício e a materialidade presente. Os 4 pavimentos se conectam por meio de rampas, elevadores e escadas, e os materiais predominantemente usados são aço, concreto, vidro, acrílico, tijolo e tecido. No vão central em que é possível ver todos os pisos, mais abaixo está uma parte da biblioteca, logo acima o piso de acesso à rua e depois dois pisos de exposições e eventos. As rampas cruzam este vão e conectam os diversos pisos, elas são capazes de prosseguir o passeio pela rua interna, atreladas a possibilidade de variar a experiência do usuário cruzando-o e visitando novos pisos e caminhos. As vigas da cobertura do vão são curvadas de aço e concreto, e vencem cerca de 37 metros. Elas são apoiadas em pilares de aço e o encontro transversal se dá no meio do vão central, a curvatura então leva da entrada do centro cultural ao vão mais importante, funcionando como um guia para a visita, para o usuário sair da rua, adentrar ao edifício e enxergar as pessoas buscando cultura (TELLES, 2012). A entrada de luz se dá, indiretamente, por meio da cobertura translúcida, e mais direta, pela parede de vidro que faz a transição desse ambiente para o vazio com as árvores, uma das entradas, o restaurante e a escada de acesso ao telhado. A escolha da estrutura projeta a imagem do espaço (KAHN, 2010) não só pela materialidade, mas pela forma em que o espaço se projeta no indivíduo, um guia e suporte para a melhor expressão do ser e da identidade cultural que carrega, compartilhada em coletivo no centro cultural, na rua ou na cidade.

2.2 SESC 24 DE MAIO

O mais recente centro cultural de grande porte inaugurado na cidade de São Paulo é o Sesc 24 de Maio. É fundamental contextualizar a rede Sesc - Serviço Social do Comércio que é uma entidade privada criada em 1946, cujo objetivo é proporcionar melhores condições de vida e de bem-estar aos trabalhadores deste setor e suas famílias, além de fornecer um ambiente cultural e de convívio para todos os públicos, faixas etárias e classes. A contribuição arquitetônica à cidade faz parte da história do Sesc, e é na influência do Sesc Pompeia, da arquiteta Lina Bo Bardi, a partir da década de 1980, a atuação no campo da educação e da cultura se torna meio de transformação social.

O contexto que se localiza o centro de cultura Sesc 24 de Maio é o centro da cidade de São Paulo, local de relevância histórica e arquitetônica. Há edifícios construídos na fundação da cidade e outros que representam o simbolismo do crescimento econômico e populacional, além do período da segunda modernidade, funcionalista e industrial. Ao passar dos anos tiveram o entorno transformado, tanto por degradação social, quando a população passou a morar em bairros longe do centro, quanto por tentativas de revitalizações urbanas. Os equipamentos que ainda se mantêm vivos no cotidiano são as ruas marcadas por

calçadões e muito movimento sendo uma região de intenso comércio, e as 8 galerias com funcionamento dia e noite, na qual permitem a passagem entre os quarteirões.

O Sesc 24 de Maio, projetado pelo grupo MMBB Arquitetos (Fernanda Mello Franco, Marta Moreira, Milton Braga) e Paulo Mendes da Rocha, está inserido na esquina da rua 24 de Maio com a rua Dom José de Barros, a 50 metros do Teatro Municipal e a 100 metros da Praça da República e é um exemplo de transformação no patrimônio urbano construído. Do início do projeto (2002 a 2008) até o começo e término das obras (2012 a 2017) foram 15 anos para a sua abertura, pois o prédio é uma reforma da antiga sede da loja de departamento Mesbla, um prédio vertical usado como loja e escritório, a ideia, então, foi aproveitar a construção existente, recuperando sua estrutura e adequando-a aos novos usos de um centro cultural. A construção mantém a história temporal do edifício, a influência do preexistente é clara na abordagem arquitetônica, aumentando a experiência significativa do usuário pela interação do lembrado com o percebido (PALLASMAA, 2018).

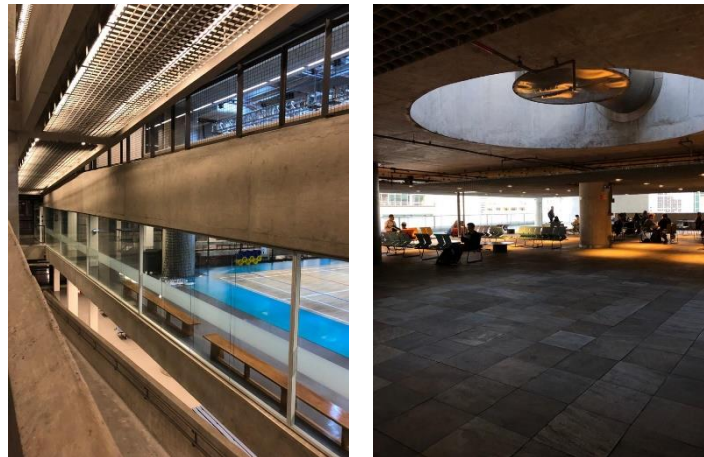
Em relação a organização espacial do programa, foi projetada intercalando áreas de convivência e blocos esportivos com andares de comedoria e praças, no total com 17 pavimentos, térreo e 2 subsolos. O mesmo acontece no Sesc Pompeia da arquiteta Lina Bo Bardi, foi o segundo grande centro cultural da capital paulista, planejado a partir de premissas como coletividade e união das funções esportivas, culturais e sociais de forma lúdica entrando e saindo pelos galpões em uma rua interna do projeto. Logo, o edifício do Sesc 24 de Maio possui acessibilidade universal para as áreas de teatro, espaços para convivência, comedoria, cafeteria, biblioteca, área de exposição, clínica odontológica, áreas para prática esportiva e expressão corporal, salas de tecnologia, oficinas e solário por meio de rampas, elevadores e escadas.

Segundo o escritório MMBB, toda a espacialidade do edifício para, além de sua função estrita, animar a vida do conjunto no seu evento cotidiano de modo desencadeado e lúdico, um passeio. Assim, associou-se alguns andares dois a dois para valorizar alguns espaços, como Salão de Exposições com pé-direito duplo, e evitar a sobreposição de andares tipo garantindo a distinção entre os programas e suas necessidades organizacionais, como se estivesse em na cidade, indo da piscina até o térreo, passando no restaurante, livreria, biblioteca, dança, como se descesse a rua Augusta (Paulo Mendes da Rocha, 2018). Louis Kahn (2010) afirma que um edifício é tanto um objeto com estrutura e utilidade prática quanto uma metáfora da existência espaço-temporal, pois ao mesmo tempo que remete o passear das rampas do centro à rua conhecida da cidade de São Paulo, percebe-se a identificação cultural de diferentes grupos sociais aos múltiplos serviços e comércios que são oferecidos, é

possível que uma experiência externa em outra localidade, marcante na cidade, seja vivenciada em essência na obra material.

Figura 4 (esquerda): Durante passeio nas rampas a vista para a área esportiva de pé direito duplo.

Figura 5 (direita): Jardim da Piscina com vazio estrutural para a piscina, áreas de alimentação e pausa.



Fonte: Autoral.

As extensões da ideia de convivência e encontro livre em grandes vãos cobertos, como foi feito também por Lina Bo Bardi no MASP, é percebida no acolhimento do pedestre em uma praça coberta - Praça do Sesc - no nível da rua com o sentido de passeio público para encurtar o caminho de uma esquina a outra, concentra a secretária do Sesc, bancos e acesso a circulação vertical. A conexão com o exterior acontece em alguns pavimentos do edifício, nos quais não há vedação nas fachadas e é possível perceber o fluxo da rua e do interior das galerias. Esses pavimentos também funcionam como jardins suspensos, como a Praça de Convivência e o Jardim da Piscina. Este último, abriga um café, embaixo do último pavimento.

A piscina, que se encontra na cobertura, a céu aberto, foi uma decisão que particularizou a arquitetura do prédio e para suportar a estrutura de 25x25 metros, foi necessário construir uma estrutura independente e nova, Paulo Mendes da Rocha (2017) aponta, “nós fizemos um pilar gigante em cada esquina desse quadrado [antigo poço interno do edifício]. Esses pilares mergulharam até o subsolo permitindo escavar lá embaixo para fazer o teatro e sustentar essa piscina aqui em cima que é uma carga enorme”. Há ainda um pequeno anexo ao volume principal do Sesc na Rua Dom José de Barros, no qual se concentram todos os serviços e máquinas como banheiros, depósitos e instalações para os funcionários.

Dessa forma, o Sesc possui um programa diverso que corrobora com a intenção da rede de mesmo nome, contudo é importante compreender que as demandas por esses espaços na cidade estão cada vez mais recorrentes e tentar oferecer uma qualidade dos espaços internos em uma edificação de uso público (ASHER, 2010) é uma premissa da arquitetura que busca uma ação ativa dos cidadãos.

Além disso, ela [arquitetura] é simultaneamente o meio e o fim; um meio por causa da sua tarefa utilitária, e um fim como uma manifestação artística que media valores experienciados, culturais, mentais e emocionais. (PALLASMAA, 2018, p. 101).

Por isso, o centro cultural como o Sesc abrange os espaços em que todos os grupos sociais podem partir para encontrar-se em uma atividade ou pausa, sendo o percurso percorrido transformado a cada um como a essência da função do centro. A arquitetura do Sesc soube dialogar verticalmente com as atividades em uma localidade da cidade que carece de revitalizações e propostas multiculturais.

3. **METODOLOGIA**

A abordagem desta pesquisa se embasa na revisão do tema do centro cultural e da cultura na cidade contemporânea diante dos anseios da sua sociedade atual.

O estudo do referencial teórico da pesquisa se fundamenta na história, concepção e projeto dos centros culturais. Para o Centro Cultural São Paulo foi do livro “Centro Cultural São Paulo: espaço e vida” do Fernando Serapião, além de artigos e consulta dos sites do Centro Cultural São Paulo em sua edição especial de 30 anos da inauguração, incluindo a série, “Luiz Telles: Concepção e uso dos espaços”, de seis episódios de entrevistas com um dos arquitetos responsáveis pelo CCSP, Luiz Telles. Para o Sesc 24 de Maio também foram consultados sites do escritório MMBB, o artigo da revista PLOT, entrevistas do arquiteto Paulo Mendes da Rocha e uma palestra realizada na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie da arquiteta do grupo MMBB, Marta Moreira, sobre o centro cultural projetado. Além disso, visitas feitas aos locais para experienciar o centro cultural e observar os fluxos, usos e percursos dos usuários.

Sobre a referência da cidade contemporânea e dos anseios da sociedade, o referencial teórico também foi acrescido da leitura e estudo do livro “Os Novos Princípios do Urbanismo” do François Asher, no qual permite o esclarecimento sobre a sociedade do início do século XX até os dias atuais relacionando-as aos urbanismos adotados e que direcionam as cidades e as obras arquitetônicas de cada período. As demandas da sociedade atual vêm de um processo histórico e urbano das cidades e, por isso, a contextualização até, atualmente, o

neourbanismo. Ademais, no livro “Arquitetura Conversável” do Marcelo Carvalho Ferraz, é possível ver a necessidade de mudar o acesso a cultura, não se limitando apenas dentro dos museus e tendo como exemplo a arquitetura de Lina Bo Bardi no Sesc.

Para o andamento da base metodológica, foi fundamental a leitura e fichamento de autores arquitetos e urbanistas para referenciar teoricamente a temática da arquitetura dos centros culturais. No livro “Forma e Design” do Louis Kahn, cujas conclusões diante dos processos projetuais sobre a relação entre forma e design vão além das funções e estruturas de uma arquitetura para se transformarem a arquitetura significativa a um povo e a uma região. Do livro “Essências” do Juhani Pallasmaa, foi possível retirar a compreensão da experiência do usuário na arquitetura como memória, história e emoção, além da fenomenologia da arquitetura, tornando a arquitetura o intermédio entre o mundo externo e o interno pessoal de cada indivíduo.

Nas visitas aos centros em estudo foram observados os fluxos e os usos dos usuários nos diversos programas dos centros, desde as áreas de exposições e uso não específico a de biblioteca e refeitório. As visitas foram importantes para experienciar a arquitetura e a dinâmica dos centros culturais tanto em dias de semana quanto de final de semana.

Dessa forma, ao explicar as decisões projetuais dos centros culturais, é possível observar alguns resultados da pesquisa, categorizando-os na forma da arquitetura do equipamento em relação ao entorno, ao design, a circulação e a qualidade dos espaços.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

A partir das referências teóricas sobre os centros culturais estudados é possível analisar resultados da arquitetura e do suporte a cultura e, por conseguinte, a discussão dos seus parâmetros.

A proposta dos dois equipamentos culturais inclui uma arquitetura que promove um acolhimento do usuário e a identificação cultural. De acordo com a reflexão do arquiteto Juhani Pallasmaa, em relação a experiência relacional entre o objeto poético, sendo a obra de arquitetura, e a mente que a vivência, como o usuário, o resultado é a criação de uma nova experiência, a atmosférica. Esta inclui a escala, iluminação, temperatura, umidade, som, cor, materialidade entre outros, que relacionam o mensurável estrutural com as experiências pessoais. Esse meio de abordagem constitui uma arquitetura multissensorial e fenomenológica, por meio da mediação entre o mundo externo e o mundo interno da identidade pessoal, permitindo o desenvolvimento de estruturas de percepção. O recurso da fenomenologia na arquitetura tenta aproximar os fenômenos sem ideias preconcebidas para

que seja possível identificar o significado da conexão pessoal única com o espaço e as emoções desencadeadas. Assim, os centros culturais podem ser exemplos dessa abordagem experimental quando os espaços de usos não específicos permitem a livre expressão cultural da identidade pessoal.

A arquitetura dos edifícios culturais estudados busca a compreensão das necessidades dos cidadãos para além dos locais de funções estritas sendo mais complexo projetar espaços públicos que gerem acolhimento e, ao mesmo tempo, liberdade de uso, então arquitetonicamente os centros se tornaram uma referência. Conforme François Asher descreve, no urbanismo da cidade atual, que admite a complexidade da sociedade e suas interações, é necessário propor uma diversidade de formas e espaços arquitetônicos que possam acompanhar as diferenciações que acontecem cada vez mais. Esses locais múltiplos e públicos são conectados com a cidade e com os usuários quando propõem uma aproximação direta com a rua, porém coberto, multissensorial e mais agradável. O conforto tanto térmico como acústico em relação a cidade, torna o centro um lugar de almoço, de descanso, de estudo e de leitura, enriquecendo a urbanidade do lugar. O suporte a múltipla capacidade de usos está presente nos dois centros culturais estudados, por meio do partido arquitetônico do Centro Cultural São Paulo, com sua rua interna, e do Sesc 24 de Maio, nas suas praças que intercalam os pavimentos de atividade específica.

No caso do CCSP, na rua interna há a possibilidade de acontecer todo tipo de atividade ao mesmo tempo que a circulação livre de pedestres. Assim ocorre no programa da biblioteca, não há limitação para que aconteça uma peça de teatro no mesmo espaço ou que não possa dialogar enquanto passeia-se pelas rampas acima. No Sesc 24 de Maio, é possível perceber os lugares sem função específica na Praça do Sesc, Praça de Convivência e Jardim da Piscina, respectivamente do térreo ao topo do edifício. Se distinguem dos outros espaços presentes no centro pela prerrogativa de funcionarem como uma praça coberta e apoiarem todas as atividades, algo que já faz parte da identidade cultural paulistana advindo do vão do MASP.

Em relação à significância da forma monumental nos centros culturais, o contexto do projeto é fator determinante para a implantação dos centros culturais, contudo a compreensão do suporte necessário para a escala da população influenciada é fundamental. Os equipamentos de cultura estudados seguiram linhas projetuais diferentes, enquanto o Centro Cultural São Paulo tem a proposta de uma estrutura monumental e de fácil referência urbana, o Sesc 24 de Maio está no centro de São Paulo entre ruas estreitas e galerias, pouco se distinguindo do seu entorno.

No CCSP, o projeto parte de um grande terreno sem uso em que foi proposto um centro cultural de que desse apoio cultural a metrópole. A prerrogativa da monumentalidade não foi fator decisivo no projeto, as necessidades de abrigar diversos programas e os espaços multiusos por meio da rua interna fizeram do design a forma da estrutura que fosse compatível e, por conseguinte, monumental. A forma, por Louis Kahn (2010) é definida pela “harmonia satisfatória dos espaços para exercer certa atividade humana”, assim a relevância da monumentalidade é justificada pelo suporte adequado aos espaços que o centro cultural fornece, por exemplo, no setor da biblioteca, o acesso aos livros é livre e horizontal, diferentemente da Biblioteca Mario de Andrade, relevante estrutura vertical no centro da cidade, porém de acesso restrito aos livros. Além disso, o contexto favorece a escala monumental do projeto, por estar inserido em um terreno entre as avenidas, 23 de Maio e Vergueiro, e com uma extensão de 300 metros, os arquitetos decidiram usar todo o terreno para manter a horizontalidade e uma estrutura de aço e concreto que apoiasse essa ideia.

O Sesc 24 de Maio é uma revitalização de dois edifícios antigos da zona central da cidade e se tornou um centro cultural que traz um suporte a está mesma região. Por isso, o projeto de adequação dos edifícios comerciais deveria fornecer a sensação de identificação cultural da população local como de outras localidades que buscam um encontro com a zona central. Dessa forma, a importância de manter algumas características compatíveis com o entorno, como a verticalidade, a fachada com janelas em fita e no térreo a praça, sem recuo do terreno e com a possibilidade de cruzar o edifício para chegar a outra rua, como nas galerias.

Outro resultado obtido da análise dos centros culturais é o suporte ao passeio lúdico pela cultura, aspecto arquitetônico essencial em ambos os projetos. O passeio é embasado, principalmente, pelas rampas de acesso aos pavimentos superiores. Contudo, a forma de como esses acessos foram projetados diferencia seus centros. A importância do passeio lúdico diferente do passeio na rua cotidiana é pela lentidão necessária para percorrer toda a circulação de rampas e perceber os atrativos culturais presentes no centro. Além disso, são locais de encontro e de uso público.

Para o Sesc 24 de Maio, as rampas são tanto o meio de circulação como de visualização do pedestre para os ambientes de esportes, comedoria, biblioteca e exposição conforme sobe ou desce pelo edifício. Para Pallasmaa (2018), a arquitetura ativa e reforça o senso de identidade cultural, já que a experiência é sempre individual e única e, por isso, o passeio pode relembrar momentos de caminhada e descoberta da cidade, da lembrança da vida cultural em outros momentos e de uso de um equipamento que permite a identificação

peçoal, como disse o arquiteto Paulo Mendes da Rocha que o recordava do passeio pela Rua Augusta. No Centro Cultural São Paulo, as rampas são simbolicamente um filtro para o usuário que o visita, saindo da cidade e percorrendo o vão central do equipamento e tendo a possibilidade de fazer caminhos diferentes e imprevisíveis, pois as rampas se conectam e levam a espaços distintos.

Devido a sociedade estar virtualmente mais conectada e se localizar em uma metrópole cada vez mais agitada, há uma demanda por espaços públicos de qualidade equivalente à dos espaços privados e internos (ASHER, 2010). A intenção é que permitam o encontro, a reflexão e a interação presencial, como quebra da continuidade das edificações de uso específico na metrópole. Essa é uma função simples do urbanismo multissensorial que orienta uma arquitetura mais experimental entre a obra e o indivíduo. Dessa maneira, o espaço cultural acolhe o usuário na medida em que a identificação cultural e pessoal tem possibilidade de ser expressa, sentida e observada.

5. **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do que foi apresentado, é possível concluir que os centros culturais estudados, Centro Cultural São Paulo e Sesc 24 de Maio, são arquitetonicamente importantes para a discussão da cultura dentro da metrópole, além de serem um espaço múltiplo em suas funções e uso, existe uma qualidade espacial que favorece o apoio a cultura por meio da experiência. Apesar de apoiarem a cultura por meio de partidos distintos, são igualmente referências arquitetônicas e culturais na cidade de São Paulo.

O suporte à cultura, então, se dá dentro dos centros culturais nas diversas experiências arquitetônicas propostas pelo arquiteto e sentidas pelo usuário enquanto os vivencia, como o passeio pelas rampas, a possibilidade de usar o espaço da maneira que pretende, a prática de uma atividade em grupo com abrigo e a contemplação de uma nova vista da paisagem urbana através da arquitetura. A oportunidade de experienciar de maneiras diferentes a cada visita, permite que a população saia do ritmo acelerado da cidade e passe a observar detalhes como no sobe ou desce das rampas é possível ver o que está acontecendo em cada andar e perceber que não importa tanto o destino da circulação, mas sentir o prazer do passeio cultural e como reflete em si próprio essa sensação. Além disso, notar como é a interação dos grupos sociais, das pessoas, das atividades e dos fluxos da cidade. O oferecimento da pausa é tão importante quanto a oferta de atividade, pois contempla a reflexão e a temporária saída do ritmo da metrópole para observar a cultura.

Os centros culturais promovem a atração de público a uma região específica, estimulando o desenvolvimento do contexto urbano ao seu redor. Como é percebido na implantação do CCSP, em uma área antes não edificada de São Paulo à beira da Avenida 23 de Maio, que depois de 38 anos está totalmente urbanizada. Já o Sesc 24 de Maio, está no radar de renovação de edificações na cidade, processo como esse vem acontecendo e ganham força com um equipamento que atrai público de diversas faixas etárias a passar a frequentar os locais revitalizados.

As atividades culturais que acontecem na cidade ganham novos palcos dentro dos centros culturais e ao mesmo tempo, não impedem que as atividades específicas do local aconteçam. Isso representa parte do que a cidade fornece para seus habitantes, uma extensa gama de opções de lazer, alimentação e diversão e o centro cultural funciona com todas as funções em um único lugar.

A importância do centro cultural em uma metrópole, como nos casos estudados, é ter uma arquitetura que além de acolher a população, envolve e convida a uma experiência cultural completa capaz de afastar-se dos problemas citadinos.

6. REFERÊNCIAS

ASHER, François. **Os novos princípios do urbanismo**. Tradução e apresentação Nadia Somekh. 4. ed. São Paulo: Romano Guerra, 2010. 104 p.

CENTRO CULTURAL SÃO PAULO. **Luiz Telles: Concepção e uso dos espaços**. 2012. Disponível em: http://www.centrocultural.sp.gov.br/30anos/luiztelles_video.html. Acesso em: 30 out. 2019.

FERRAZ, Marcelo Carvalho. **Arquitetura Conversável**. 1. ed. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2011.

GALERIA DA ARQUITETURA. **Um presente para a cidade**. Disponível em: https://www.galeriadaarquitetura.com.br/projeto/mmbb-arquitetos_paulo-mendes-da-rocha_/sesc-24-de-maio/4578. Acesso em: 22 fev. 2020.

KAHN, Louis. **Forma e Design**. Tradução Raquel Peev. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010. 91 p.

MMBB. **SESC 24 de Maio**. Disponível em: <http://www.mmbb.com.br/projects/view/45>. Acesso em: 24 fev. 2020.

PALLASMAA, Juhani. **Essências**. Tradução Alexandre Salvaterra. 1. ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2018. 123 p.

PLOT. **SESC 24 de Maio - Paulo Mendes da Rocha + MMBB Arquitetos**. Prática, 45, p. 54-73, nov./2018.

RECREAÇÃO), S. (J. M. D. L. E. **Lazer numa sociedade globalizada: Leisure in a globalized society**. 1. ed. São Paulo: Sesc São Paulo, 2000.

RODRIGUES, Fernanda Alves. **Diferenças e semelhanças entre cultura e entretenimento sob a perspectiva do Centro Cultural São Paulo**. 1. ed. São Paulo: [s.n.], 2010. p. 1-14.

SERAPIÃO, Fernando. **Centro Cultural São Paulo: Espaço e Vida**. 1. ed. São Paulo: Editora Monolito, 2012. p. 11-170.

SESC 24 de Maio - Paulo Mendes da Rocha + MMBB Arquitetos - Galeria Arquitetura - 6 de fev. 2018 - Youtube

Tour com Paulo Mendes da Rocha pelo SESC 24 de Maio - Casa Vogue Brasil - 18 de set. de 2017 – Youtube

Contatos: pipolojulia@gmail.com e celso.minozzi@mackenzie.br